

**“EU E MEU BAIRRO”:
Fragmentos comunicacionais na escrita do urbano**

**[“ME AND MY NEIGHBORHOOD”:
Communication fragments in urban writing]**

Daniela Matos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: O artigo busca compreender a dimensão transformadora da escrita empreendida por jovens moradores de espaços periféricos da cidade a partir da análise do material identificado como "Diário Criativo", em articulação e tensionamento com textos oficiais e midiáticos. Na perspectiva aqui apresentada a escrita desses jovens é capaz de visibilizar um mundo antes invisível, não dito, e provocar o aparecimento de uma nova organização do sensível capaz, também, de operar transformações no regime de visibilidade hegemônico ao constituir um novo conjunto comum compartilhável. Os “Diários” são compreendidos enquanto exercícios de uma nova cartografia que oferece ao leitor uma produção de conhecimento complexa sobre determinado lugar. Desse modo, o consideramos enquanto um texto e um mapa, portanto, um mapa-texto que visa localizar, tornando visível lugares assim como as práticas dos sujeitos.

Palavras-chave: Escrita Política; Lugar; Juventude.

Abstract: The article tries to understand the transformative dimension of writing undertaken by youth living in peripheral parts of the city from the analysis of the material identified as "Diário Criativo " in tension with officials and media texts. From the perspective presented here these young people's writing enable us to visualize a world that were invisible, unspoken, and it causes the appearance of a new organization of sensitive, also capable of operating changes in the hegemonic regime of visibility while is constitutes a new shareable common set. The diary are exercises of a new map that offers the reader a complex knowledge production about a particular place. Thus, it considers this diary as a text and as a map, and therefore a text-map in order to locate, making places become visible, as well as the practical of the subjects.

Keywords: Written policy; Place; Youth.

A ESCRITA NA PRODUÇÃO DOS LUGARES

Um bairro extremamente confuso, uma rede de ruas que anos a fio eu evitara, tornou-se para mim, de um só lance, abarcável numa visão de conjunto, quando um dia uma pessoa amada se mudou para lá. Era como se em sua janela um projetor estivesse instalado e decomposesse a região com feixes de luz.
Walter Benjamin, “Primeiros Socorros”.

O texto de Walter Benjamin está aqui como nossas boas-vindas. Ele nos oferece um entendimento dos lugares que está relacionado com aspectos da sensibilidade dos sujeitos. Os espaços da cidade têm significados diferentes para cada um, dependem da relação estabelecida entre lugar e sujeito e do modo como os sentidos são acionados. Na nossa proposição, os lugares na cidade se apresentam a partir da capacidade que têm de provocar nossos sentidos e nossas afetividades. Lugares de amor, de alegria, de esperança, de descrença, de dor e de revolta.

O conceito de lugar com o qual procuramos estabelecer um diálogo tem espaço privilegiado no pensamento do geógrafo Milton Santos. Nessa tradição, lugar é compreendido enquanto uma construção dos sujeitos, como resultado de uma ação de produção de conhecimento por aqueles que experimentam determinado espaço, mas também sob a forma de instância mediadora entre o indivíduo e o mundo.

Desse modo, acreditamos que a noção de lugar, também acionada também enquanto operador analítico nesse artigo, nos ajuda a reconhecer o processo empreendido pelos jovens integrantes do *Grupo Art’Periférica*¹ em compartilhar um “falar sobre” seu bairro/sua comunidade– o lugar Pernambués, localizado na cidade de Salvador, na Bahia – materializado na escrita do material expressivo “Diário Criativo”².

A dimensão narrativa do “falar sobre” produz um texto que está ligado aos seus lugares de referência não porque o descrevem, mas porque o constituem. Na

¹ No período da coleta de dados para a realização dessa pesquisa, o *Grupo Art’Periférica* era formado por cinco jovens. Os principais temas de interesse do grupo eram a “estética negra” e as questões relacionadas à etnia e ao preconceito. Esse grupo realizava oficinas de dança, rodas de leitura e desfiles de moda com a participação de crianças e jovens do bairro. As ações aconteciam na Escola Municipal Tomás Gonzaga com o apoio da Associação de Moradores de Pernambués.

² Diários Criativos são objetos expressivos em formato de caderno de desenho, em tamanho A3, resultante de uma atividade proposta pela ONG CRIA (Centro de Referência Integral de Adolescentes) para que os jovens integrantes do seu programa de formação, a partir das suas articulações comunitárias, realizassem um mapeamento cultural com o objetivo de lançar um olhar investigativo sobre suas comunidades de identificação e pertencimento. Foram produzidos quatro Diários pelos seguintes grupos juvenis: Art’Periférica, Trama dos Artesãos, Jovens Realistas do Cotidiano e Grupo Jovem Nova Geração, durante o primeiro semestre do ano de 2008.

concepção proposta por Serpa, ao estudar as relações entre lugar e mídia, “o espaço urbano também se produz a partir do discurso (...)” (2011, p.16). Esse discurso pode ser tanto aquele formulado por dispositivos de enunciação com alto grau de institucionalização quanto aquele formulado por grupos/articulações de caráter não institucionalizados.

Essa concepção de produção a partir do discurso oferece a possibilidade do surgimento de textos com as características presentes no material aqui analisado, um texto que narra, descreve, cria, demanda, provoca e, portanto, constrói um lugar e um sujeito de um modo próprio. Esse exercício de escrita se constitui enquanto uma ação política, no sentido proposto por Jacques Rancière (1995), entendida enquanto uma operação de constituição estética de uma comunidade. O escrito que ao ser revelado ao outro, posto em visibilidade, traz um projeto de algo em comum, uma possibilidade de partilha. “E a escrita é, indissolúvelmente, duas coisas em uma: é o regime errante da letra orfã cuja legitimidade nenhum pai garante, mas também é a própria textura da lei, a inscrição imutável do que a comunidade tem em comum” (RANCIÈRE, 1995, p.9).

O caráter político, destacado pelo autor, é uma condição importante na argumentação aqui proposta porque ajuda a compreender como a escrita dos jovens, materializada aqui nos Diários Criativos, pode ser uma forma de contrapor, desorganizar, aquilo que Rancière identifica por “palavra soberana”, que também podemos entender como aquelas forças discursivas de caráter hegemônico. “A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e das condições.” (RANCIÈRE, 1995, p.9).

A incorporação da perspectiva desse filósofo francês oferece a possibilidade de identificar tanto aqueles movimentos mais explícitos e objetivos, da ordem do dizível, quanto aqueles mais relacionados à ordem do sensível, que explicitam uma demanda por transformação do estado de coisas. O texto dos jovens ao ser disponibilizado junto ao sistema de escritos que compõe a dinâmica de determinada sociedade opera uma visibilização de um mundo antes invisível, não dito, e, nas suas contribuições mais

sutis, provoca o aparecimento daquela escrita, e do que ela provoca em termos de constituição de uma comunidade e de uma nova organização do sensível.

A forma como os jovens do grupo Art'Periférica empreendem a construção da sua auto-narrativa em forma de Diário se aproxima de uma experiência cartográfica. Trata-se de uma maneira de organizar o conhecimento sobre o espaço, “uma configuração imaginária” (SILVA *et al*, 2008, p. 2), que privilegia determinados elementos e, por isso, expressa relações de poder.

Um ponto de partida importante dessa proposição é a crítica a uma tendência, hegemônica desde o século XIX de que os produtos cartográficos – mapas, gráficos, plantas, projetos – têm de desconsiderar as dinâmicas sociais presentes nos espaços então representados. Diante disso, a aposta está em uma alternativa para proceder a narração da cidade, do espaço urbano, que a revele em sua diversidade e em movimento.

Nossa proposta é sublinhar estes aspectos e, no mesmo movimento, contrariar a visão essencialista e totalizadora do mundo buscando processos de enunciação do cotidiano da cidade e suas dinâmicas. Colocando em relevo as contradições que emergem das articulações estabelecidas entre o oficial e o extra-oficial, das negociações e das formas de uso e ocupação do espaço, o que se pretende é observar a diversidade de sentidos produzidos e em produção no espaço e ampliar a legibilidade, tornando visíveis lugares localizados à margem dos processos culturais, sociais e políticos hegemônicos (SILVA *et al*, 2008, p.2).

Compreendemos o Diário Criativo enquanto um produto cartográfico porque, na sua diversidade, oferece ao leitor uma produção de conhecimento sobre determinado espaço urbano. Desse modo, o consideramos enquanto um texto e um mapa, portanto, um mapa-texto com o objetivo de localizar e, assim sendo, tornar visível lugares, práticas e sujeitos. Com isso, experimentamos, enquanto método, um modo de escrita da cidade o qual fundamenta a sua riqueza na junção de fragmentos, uma inspiração nas práticas propostas e implementadas por Walter Benjamin nas suas experiências urbanas.

Propomos a construção de um mapa-texto para compreender a potência transformadora do falar/escrever de jovens moradores de periferias e de que modo este se articula, seja em movimento de contraposição, adesão ou crítica, a outros escritos socialmente reconhecidos. Essa compreensão permite reconhecer uma força

social que tem como objetivo provocar mudanças a partir da desestabilização de imagens e construções simbólicas excludentes.

Com essa composição, acreditamos ter a possibilidade de reconhecer, ainda que sempre parcialmente, a estrutura de forças discursivas operantes no contexto contemporâneo. Nesse sentido, a proposição concentra-se na elaboração do sentido de lugar, vivido e partilhado por jovens e nomeado de diferentes maneiras, como bairro, comunidade e/ou periferia acionados por diferentes conjuntos textuais.

O nosso mapa-texto é, então, configurado a partir de três conjuntos textuais. Os textos locais, nosso lócus prioritário, são aqueles resultantes de esforços coletivos de pessoas “comuns”, do uso ordinário da capacidade de articular ideias, sentimentos e expectativas e da iniciativa compartilhá-las em um formato de escrita reconhecido socialmente, que aqui toma a forma do Diário Criativo do Grupo Art’Periférica. Os textos oficiais são aqueles formulados e disseminados pelo poder público e os textos midiático-massivos aqueles veiculados por meios de comunicação de amplo alcance e reconhecidos como fontes autorizadas. Esse três lugares de fala, postos em articulação e tensão, funcionam enquanto uma tentativa de reconhecer que a construção de qualquer representação ou imaginário é permeada por elaborações com diferentes origens que estão sempre em processo de negociação, revelando sobreposições momentâneas e circunstanciais.

A PRODUÇÃO NARRATIVA DE UM LUGAR

Conhecer um lugar é sempre algo temporário e parcial, um saber em fluxo resultante do cruzamento de determinadas informações e vivências articuladas por aquele que se debruça sobre a ação de desvendar tal espaço, em determinado momento. O lugar, foco da nossa observação nesse texto, é aquele com o qual o grupo de jovens Art’Periférica declara seu pertencimento, sua identificação, o bairro de Pernambués. Explicitaremos aqui um momento, em fluxo, de produção de conhecimento sobre esse lugar (d)na cidade.

O TRAÇADO DO DIÁRIO JUVENIL

O Diário Criativo se apresenta como o fragmento prioritário na nossa composição, mas também enquanto um mapa-texto autônomo, com uma unidade interna própria que dialoga, contesta e negocia com diversas vozes e variados textos e é, exatamente, nessa condição articuladora que reside a sua riqueza e potencialidade.

A capa do Diário do Grupo Art'Periférica (Fig. 1) é bastante significativa. Apresenta, em técnica de colagem, duas figuras negras, um homem e uma mulher, exibindo adornos nas cabeças e pescoços. Os materiais utilizados são cartolina preta, papel dourado, pano de chita, búzios, palha e lantejoulas douradas. As figuras exibem uma clara referência à cultura afro-baiana a partir da escolha dos materiais para composição da capa.



Fig. 1 Capa do Diário Criativo
Fonte: Diário Art'Periférica

A elaboração dessa capa nos oferece uma primeira caracterização, um ponto de partida para o diálogo que se segue com a leitura do Diário, o qual afirma uma identificação dos jovens autores e do lugar Pernambués (escrito três vezes na mesma página) com a matriz africana que compõe a dinâmica de formação cultural do povo baiano. No Diário do Art'Periférica a questão étnica é explicitada e se transforma, inclusive, em uma de suas pautas políticas, como vemos ao longo de suas páginas.

Na primeira página do Diário Criativo (Fig.2), o grupo de jovens moradores de Pernambués convida o leitor a conhecer uma “comunidade” e logo afirma que ela é

diferente daquela mostrada pelos meios de comunicação massivos. “Precisamos apontar para várias coisas boas que existem no meu bairro. E esquecer um pouco das coisas ruins porque a mídia já traz isso vários instantes na TV, no rádio, jornal e etc.” [sic], diz o texto manuscrito no desenho de uma mão com o dedo indicador apontado para a palavras educação e Pernambués. A relação, nesse caso de oposição e tensionamento, com outros conjuntos narrativos se estabelece desde o início do diálogo proposto. O sujeito-autor dessa fala, partilhada a partir da existência do Diário, define a sua posição.



Fig.2. Apresentação Comunidade
Fonte: Diário Art'Periférica

As palavras cidadania, periferia, história, histórias, favela, Grupos Art'Periférica e algumas imagens de recortes de revista acompanhadas das frases: “A minha comunidade precisa de arte”, “cultura popular meu bairro tem” “a violência fez com que as pessoas se privasse de algo” também compõem o convite e já indicam um determinado caminho. Pernambués, um lugar da periferia, com histórias para contar, que vive a sua cultura e convive com a violência. Educação e cidadania, são metas, são objetivos e também realidade nesse lugar.

Nas páginas seguintes o Diário está dividido em três grandes categorias – Saúde, Educação e Cultura – a partir das quais apresenta situações e opiniões de moradores do bairro. Conforme o próprio Diário anuncia, nesse espaço “a comunidade fala o que pensa”. Há, com esse procedimento, uma inclusão de outros sujeitos e

outras vozes que não aquelas do grupo de jovens como um modo de acolher e incluir diferentes perspectivas

Após uma breve descrição sobre os serviços públicos de saúde disponíveis para os moradores, o texto sobre a primeira categoria conclui “a qualidade em saúde de Pernambués não é tão fraca, mas precisa de algumas coisas para serem acrescentadas” *[sic]* (Art’periférica, 2008, s/p). Nesse espaço, são apresentados quatro depoimentos de moradores com base no questionamento “O Posto de Saúde tem um atendimento bom?” (Fig. 3.) As falas de Júnior, de 35 anos, que trabalha numa casa de folhas e mora há 1 ano no bairro; de Célia, de 40 anos, que vende doces e mora há 17 anos; de D. Maria Eugênia, de 62 anos e que mora em Pernambués há 39; e D. Lurdes, de 67 anos, que há 10 anos reside no local, divergem entre si. Dois deles consideram que o posto de saúde atende muitos bem às suas necessidades, um deles considera razoável e o outro acha que a Unidade não trata bem seus pacientes. A pluralidade de posições, procedimento que se repete nas outras seções do Diário, torna mais complexa o processo de composição do lugar.

Na página seguinte há uma lista de nove nomes de escolas públicas do bairro, antecedidas pela pergunta: “Escolas Municipais e Estaduais de Pernambués. Será se fazem seu papel?” *[sic]* Em seguida, três depoimentos são apresentados. Neles há uma convergência em torno da ideia de que a educação pública “não é tão ruim” e que falta interesse dos jovens pela sua própria formação. A seção sobre o serviço público de educação no bairro apresenta características que compõem os modos de ser jovem nesse lugar sob a ótica de educadores e não dos próprios jovens, como faz questão de destacar o Diário com a frase “Isso são os professores que dizem” e com setas apontado para duas observações. Nessas falas são explicitadas duras críticas ao descaso de jovens alunos com a sua formação. O que demonstra o acionamento de uma “fala autorizada” que não a deles mesmo, criando uma tensão interna com o próprio argumento do texto, de visibilizar a voz do jovem, sobre o jovem.

A seção seguinte, Cultura, procura evidenciar, mais uma vez, a relação do bairro com as matrizes culturais africanas a partir da colagem de elementos em palha e

madeira, do desenho de búzios e de frases como, “Vamos revelar essa Cultura”, “Valorizar nossos mestres”, “Nosso cabelo é *bleck*”, “Arte e Tradição”(Fig.3).



Fig. 3. Cultura
Fonte: Diário Art'Periférica

O texto a seguir é representativo desse posicionamento, “Nosso modo de se vestir e o nosso cabelo trançado é uma cultura de massa. Várias pessoas aqui em Pernambués usam cabelos afros e tem orgulho de ser negro” [sic] (Art'periférica, 2008, s/p). Nessa observação, há uma negociação interessante com o termo “cultura de massa” que, aqui, se contrapõe a uma fala socialmente aceita, a qual coloca a cultura negra como “de gueto”, de minoria. Em Pernambués, não. Aqui somos maioria, somos a massa, diz o Art'Periférica.

Ainda na perspectiva de caracterização do bairro, a partir dos aspectos culturais e artísticos, também são apresentados depoimentos de moradores e exemplos de pessoas de referência para a cultura local – como Seu Silvano, líder do Terno de Reis; Paulo da Associação de Moradores ou Fred da CEMPA³. As falas registradas no Diário, de forma geral, afirmam a necessidade de mais opções de atividades culturais e maior envolvimento dos jovens nas tradições locais. “Manoela diz: a comunidade é rica em cultura mas a comunidade explora muito pouco e se torna esquecida” (Art'periférica, 2008, s/p) ou “Júnior diz: aqui em Pernambués tem poucas atividades, que acha que o jovem merece ser mais incluído nessas atividades” [sic](Art'periférica, 2008, s/p) .

³ O Diário não menciona o significado dessa sigla.

Na busca por marcas na narrativa que revelem o ser jovem de/em Pernambués identificamos a página manuscrita (Fig. 5). Escrita em primeira pessoa, revela um jovem e seus sentimentos, angústias, alegrias, desejos e sonhos. É uma expressão bastante pessoal, escrita numa relação de cumplicidade entre o sujeito que escreve e o papel a sua frente.

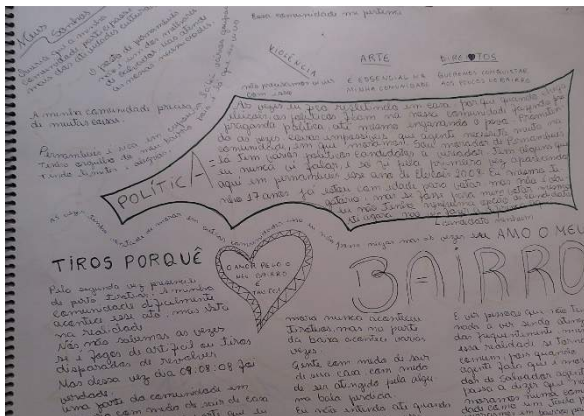


Fig. 5 Eu e o meu Bairro
 Fonte: Diário Art’Periférica

“Essa comunidade me pertence” (...) “Meus sonhos – Queria que a minha comunidade participasse mais das atividades culturais” (...) “As vezes tenho vontade de morar em outras comunidades, isso eu não posso negar mas as vezes eu AMO O MEU BAIRRO”(…) [sic] (ART’PERIFÉRICA, 2008, s/p).

O texto revela um menino - mas representa outros tantos - reconhecendo limitações impostas justamente pela sua inserção sócio-territorial, expressando frustrações, mas reafirmando sua participação num processo de mudança. As falas que caracterizam a ação do grupo de jovens ou mesmo a avaliação de uma das atividades realizada pelo grupo reforçam a essa percepção, “Tivemos um resultado que nos incentivou mais ainda o amor pelo bairro e o incentivo de desenvolver mais ações para o seu desenvolvimento” (Art’Periférica, 2008, s/p).

Pernambués é um bairro que está situado em um lugar muito perto de Shoppings e bairros populares. É um bairro periférico, que tem suas coisas ruins e boas como dizem a população do bairro referido. A violência perpetua mais existe várias formas de serem combatidas. [sic] (Art’periférica, 2008, s/p)

Com suas páginas de escritos, desenhos e colagens o grupo Art’periférica nos oferece o seu olhar sobre esse lugar na cidade de Salvador, revelando uma produção de conhecimento sobre o lugar que o torna complexo, móvel, e de certa forma, transitório. A trecho acima é interessante como um momento de síntese do conhecimento sobre o lugar.

OUTROS PERCURSOS

De modo a compor o mosaico de escrita acionaremos um texto oficial, no sentido mais institucional possível, já que é resultado de discurso disseminado por órgãos públicos: a representação gráfica da cidade de Salvador, em forma de mapa turístico, produzida pela Empresa de Turismo Salvador S/A (SALTUR). Diante da intrínseca relação que o discurso do turismo estabelece com a cidade de Salvador – apresentada socialmente a partir de uma “vocação turística” – acreditamos que elaborações desse ator governamental para localizar a cidade no contexto contemporâneo e caracterizá-la como possível destino turístico nos interessa por explicitar um determinado tipo de compreensão dessa cidade, suas incongruências e articulações com demais modos de ver esse lugar.

O texto oficial, em formato de mapa, visibilizado pela SALTUR, disponível no *website* da Prefeitura de Salvador, exibido em detalhe abaixo, demonstra duas áreas verdes que ocupam os espaços geograficamente identificados por Miolo Central de Salvador – localizado entre a BR-324 e a Avenida Paralela – e por região do Subúrbio – localizada entre a BR-324 e a Av. Suburbana – em oposição às demais áreas da cidade representadas pela cor bege.

De todos os 41 bairros que compõe o chamado “Miolo Central” apenas Pernambués e Cabula têm seus nomes mencionados no mapa, talvez pela proximidade destes com as fronteiras que definem geograficamente a região ou por sua ocupação mais heterog nea em termos de classes sociais. Nenhum dos 22 bairros que integram a região do Subúrbio Ferroviário são mencionados no desenho turístico da cidade.



Fig. 7 Mapa Turístico Salvador
Fonte: Site PMS - SALTUR

No mapa não há referência a espaços habitados nessas áreas verdes, apenas desenhos de árvores e vegetação. Na região do Miolo de Salvador há referência ao Centro Administrativo da Bahia (CAB), que está localizado no bairro de Sussuarana – também integrante dessa área – e ao Hospital São Rafael, localizado no bairro São Marcos. Para o mapa turístico a região não existe enquanto lugar urbano, não existem ruas, vias, ou construções, e sim uma densa floresta tropical.

Trata-se de uma estratégia institucional de invisibilização desses lugares ou simplesmente uma saída prática encontrada por aqueles que desenham os mapas turísticos e pre-definem os locais de interesse dos visitantes? Entre uma e outra alternativa, diferentes apenas no grau de intencionalidade, percebemos uma simplificação do espaço urbano, uma tentativa de apagar alguns pedaços, realçar outros e, com isso, construir uma certa Salvador. É evidente na representação que o discurso do Turismo, na forma de mapa, invisibiliza alguns lugares em detrimento de outros e traz à luz aqueles considerados “de interesse, exibindo uma política excludente e fragmentária que invisibiliza lugares, sujeitos e vivências.

Já o conjunto textual midiático, aqui apresentado, é formado por 58 matérias publicadas em mídia impressa no ano de 2008⁴. O veículo escolhido foi o Jornal A Tarde por ser, na ocasião, o jornal impresso de maior circulação na cidade de Salvador e no estado da Bahia.

A leitura e sistematização do material nos permite identificar dois modos principais de visibilizar o espaço social das periferias de Salvador: 1) são lugares marcados pela violência urbana, nos quais imperam sentimentos de medo, insegurança e impunidade e 2) são constituídos essencialmente pela carência, pela falta e, por isso dependem da ação de sujeitos externos a sua própria dinâmica comunitária, tais como organizações não-governamentais, projetos de cunho social, entre outras iniciativas.

⁴ Material selecionado por mecanismo de busca a partir das palavras-chaves juventude e periferia no período compreendido entre 01 de janeiro a 30 de junho que coincide com o momento de confecção dos Diários Criativos e do mapa turístico.

Entre as 58 matérias, 28 tematizam situações de violência vividas em lugares que têm em comum a marca “periferia” e, portanto, passam a representar o todo do espaço periférico, numa compreensão dicotômica da cidade que reafirma a oposição centro-periferia. Destacaremos algumas delas que consideramos significativa para a compreensão desse modo “midiático” de ver a cidade.

A manchete “Crime afasta servidor da Codesal da periferia” e segue com o texto que relata um caso de agressão sofrida por servidores públicos ao chegarem numa área de risco de deslizamento. Também destaca outros bairros – entre eles Pernambués – nos quais situações semelhantes têm acontecido com frequência.

Criminosos têm ameaçado as equipes técnicas da Defesa Civil em bairros da periferia de Salvador. O medo que situações piores aconteçam fez com que a diretoria da Codesal alterasse o esquema de vistorias nos finais de semana nos bairros considerados “de risco”. (...) No último sábado, duas equipes foram agredidas no bairro de Narandiba. (...) Situações de agressões e ameaças tem acontecido também em outros bairros como **Pernambués**, Beiru, Bairro da Paz, Baixa Fria e Alto de Coutos. (SANTANA, 2008, p. 4)

O material exhibe muitos relatos de mortes violentas nesses lugares, especialmente de jovens, e frequentemente a violência policial é acionada como causa ou principal suspeita.

Os moradores acusam a PM de ter assassinado Djair com dois tiros quando o menino retornava para casa depois de um jogo de futebol com os amigos. A polícia alega que houve reação da vítima e apresentou uma arma e drogas na 2ª CP. Um jovem que diz ter assistido a tudo de uma janela nega a versão da PM. “Djair correu na direção da casa quando ouviu tiros”, afirmou a testemunha, assegurando que o adolescente se defrontou com dois militares na ladeira e retornou correndo. “Vi ele sendo baleado pelas costas e arrastado”, lembrou o rapaz. (CRINO & OLIVEIRA, 2008, p. 4)

Um outro texto afirma que “A violência física e a agressão verbal fazem parte do cotidiano desses jovens e virou a forma trivial de brincadeiras entre eles” (VIEIRA, 2008, p.11), o que elabora uma condição de violência associada ao modo de vida dos jovens nesses lugares. São alvos e protagonistas da recorrente violência e insegurança.

Outra marca frequente é a carência como principal característica dos espaços periféricos, como podemos identificar na matéria “Entregues à própria sorte”.

Calabar, Alto das Pombas e Mussurunga. Os recentes palcos da violência ligada ao tráfico de drogas em Salvador têm outra marca em comum: enfrentam dificuldades estruturais para promover segurança, educação, lazer e cultura aos seus moradores, especialmente às crianças. Em todos

eles faltam áreas de lazer adequadas, escolas públicas estruturadas e unidades policiais. (BRITO, 2008, p. 4)

A carência, por sua vez, é combatida por ações da sociedade civil organizada e é, na maior parte das vezes, dependente de uma dinâmica exterior à própria comunidade. São instituições que identificam esses lugares enquanto seus campos de atuação e promovem ações em prol da melhoria das condições de vida e do desenvolvimento local. Nesse conjunto, doze matérias tematizam essa situação e apresentam ações de diversas ONG's e outras instituições que têm como lócus de atuação bairros e comunidades que compõe a periferia de Salvador.

O fragmento midiático oferece alguns trajetos principais, os quais levam o leitor por caminhos que identificam os bairros onde mora a população mais pobre da cidade – nomeados periféricos, populares – como lugares inseguros, violentos e marcados pela escassez. Também como lugares dos quais é necessário sair, em que a rota de fuga é sempre o melhor caminho.

Pouquíssimos são os traçados ligados à presença, à riqueza, à produção de belezas. Em todo o conjunto, de cinquenta e oito matérias, apenas uma apresenta um lugar da periferia a partir de uma dinâmica cultural significativa. “Dança, teatro, cinema, literatura, cultura afro-brasileira, enfim, arte. Tudo isso misturado com uma receita muito bem elaborada que, ainda por cima, resulta em inclusão social na periferia” (IERVESE, 2008, p.9), são as ideias iniciais da matéria “Plataforma para Inclusão”.

Essas observações revelam uma dificuldade, bastante evidente, do texto midiático em garantir uma pluralidade de visões e formas de compreender os diferentes lugares que compõe a cidade. Há uma tendência simplificadora em demarcar a cidade a partir da oposição centro-periferia reproduzindo construções dicotômicas como segurança X insegurança, carência X riqueza, etc. São raros os espaços midiáticos que conseguem exibir uma complexidade da vida vivida nos lugares periféricos da cidade, movimento reivindicado pelos jovens escritores do Diário Criativo Art'Periférica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DIÁRIO CRIATIVO E SUA POTÊNCIA DE ESCRITA JUVENIL

O mapa-texto aqui apresentado oferece diferentes apreensões sobre o lugar Pernambués, a partir da marca periferia em relação ao conjunto urbano, Salvador. Nesse movimento foram percebidos processos de negociação, embate ou aceitação a partir da articulação e tensionamento entre os diferentes conjuntos textuais acionados.

Identificamos duas principais intenções operadas pelos jovens autores do Diário, quando se trata de constituir seus lugares, narrar seus pertencimentos territoriais na cidade: 1) tornar esses lugares visíveis na dinâmica de constituição dos sentidos que delimitam a cidade de Salvador; 2) desestabilizar as imagens comuns que associam esses lugares às experiências de violência e escassez. Para isso a vida no bairro é mostrada a partir de imagens complexas que explicitam violências, tiros, policiais que matam, jovens que morrem, jovens mobilizados por uma causa ou ação, espetáculos teatrais, escolas que não funcionam, postos de saúde precários, escolas abertas a ações artísticas, o transporte público caótico, rodas de conversa e de capoeira, a ocupação dos espaços públicos, a ausência de equipamentos culturais, realização de feiras culturais, seminários, etc.

A diversidade de operações realizadas pelos jovens nas páginas em branco demonstra um alto grau de inventividade na relação entre o que eles querem dizer e o como dizer. São textos manuscritos, textos digitados, recortes de imagens, fotografias, colagens de objetos de uso cotidianos, desenhos, recortes de jornais, uso de canetas coloridas, pilotos, lápis, tintas, cartolinas, papéis coloridos, enfim, uma pluralidade de formatos acionados em diferentes momentos.

Torna-se importante destacar o acionamento do escrito, entendido aqui como a formalização da linguagem oral em uma plataforma compartilhável em diferentes tempos e espaços, como um exercício carregado de sentidos políticos transformadores. Cada inscrição, cada texto, desenho ou colagem é um modo encontrado pelo grupo de dar forma a sua experiência sensível, portanto capaz de operar transformações no regime de visibilidade hegemônico e constituir um conjunto comum compartilhável.

Compreende-se a elaboração do Diário Criativo a partir das destrezas técnicas que ele suscitou – uso do texto escrito, da norma culta, do recorte, da composição de elementos, dos desenhos, etc. –, como uma ação de pôr em comum, de tornar visível uma determinada posição com base na articulação entre a ordem do discurso e a das condições vividas. Nessa perspectiva, fundamentada nas concepções propostas por Jacques Rancière (1995), os jovens autores dos Diários Criativos vão descobrindo a sua importância como atores políticos no processo de atuação, nesse caso, no uso das suas capacidades ao construir esse novo texto, dessa escrita que diz do seu lugar, dos seus desejos, das suas possibilidades e também dos limites impostos.

Desse modo, mais importante do que o Diário enquanto produto acabado, a força transformadora está no processo de constituição dessa escrita e desses sujeitos que irrompem e desestabilizam a ordem, o comum compartilhado.

Rancière questiona a estrutura de um “mundo comum” sustentado pela racionalidade, universalidade e consenso, para revelar que os sujeitos não se apresentam prontos como interlocutores de um debate, conscientes de sua fala e de seus posicionamentos em uma ordem discursiva, mas se tornam seres de palavra justamente nesses momentos em que se engajam em espaços de enunciação (MARQUES, 2012, p. 6).

O que contribui para uma compreensão de que o texto que revela um processo de "tomada da palavra" pelos sujeitos, antes excluídos desse movimento, toma forma de um produto cultural-comunicacional capaz de desestabilizar consensos hegemônicos e simplificadores e passa a marcar novos lugares no mundo e demandar outros espaços e não previstos para os sujeitos da enunciação.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. **Rua de Mão Única- Obras Escolhidas - Volume II**. São Paulo: Brasiliense, 6ª reimpressão, 2011.

BRITO, George. Entregues à própria sorte. **Jornal A Tarde**, 13 de jun de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 04.

CIRINO, Helga & OLIVEIRA, Meire. Revolta por morte de garoto. **Jornal A Tarde**, Salvador, 16 de jan de 2008. Editoria Salvador e RM, p. 04.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad, 2007^a

HALL, Stuart & JEFERSON, Tony (org.) **Resistance through rituals**: youth subcultures in post-war Britain. 2^a edition. Routledge: Oxon, 2006.

IERVESE, Carine Aprile. Plataforma para inclusão. **Jornal A Tarde**, 09 de jun de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 09.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César. (Org.). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

LEITE, Julieta. A cidade como escrita: O aporte da comunicação na leitura do espaço urbano. **Arquitextos**, Ano 6, no.67, s/p, São Paulo, dez/ 2005.

MARQUES, Ângela. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. In: **Anais do XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2012, Juiz de Fora, MG.

MATOS, Daniela. Juventude urbana e periferia: práticas culturais-comunicativas e seu potencial resistente. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, Vol. 20, no. 1, p.131 - 150, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

SANTANA, Eder Luís. Revolta em enterro de jovem baleado. **Jornal A Tarde**, 05 de mai de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 08.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. & SILVEIRA, M.. (orgs.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo, Hucitec, p. 11 – 20, 1998.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. edição. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SAPORI, Luís Flávio. “Salvador é uma das 4 capitais mais críticas”. **Jornal A Tarde**, 11 de jun de 2008, Editoria Coluna e Opinião, p. 04.

SERPA, Angelo. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Regina et. al. Dispositivo de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e no espaço. **E-Compós**, Brasília, Vol.11, n.1 , p. 1-17, jan/abril 2008.

VIEIRA, Amélia. Escola é refém da violência. **Jornal A Tarde**, 17 de abr de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 11.

SOBRE A AUTORA: Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Artes, Humanidades e Letras – CAHL. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal da Bahia (1999). Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (2003) e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Email: daniela.matos@ufrb.edu.br